

# INSTABILIDADE DOS TIPOS HUMANOS<sup>1</sup>

## INSTABILITY OF HUMAN TYPES

Franz Boas

Quando tentamos avaliar a habilidade das raças humanas, implicitamente assumimos que a habilidade é algo permanente e estacionário, que depende da hereditariedade e que, em comparação, as influências ambientais modificadoras são, comparativamente, de menor importância. Enquanto num estudo comparativo das características físicas de raças tão distintas como a branca e a negra, ou a negra e a Mongol, essa suposição possa ser aceitável como base para estudos futuros, sua validade não é tão evidente na comparação das características mentais de diferentes ramos da mesma raça. Por exemplo, quando se diz que certos tipos da Europa têm melhor capacidade mental do que outros tipos da Europa, presume-se que esses tipos são estáveis e não

podem sofrer extensas mudanças quando colocados em um novo ambiente social ou geográfico.

Portanto, parece que um estudo sobre a estabilidade dos tipos raciais tem não apenas uma importância biológica fundamental, mas também irá determinar nossa percepção sobre a capacidade mental inata dos diferentes tipos humanos.

Uma investigação teórica deste problema revelará que a ideia de uma estabilidade absoluta dos tipos humanos não é plausível. Observações sobre o crescimento demonstraram que a quantidade de crescimento do corpo como um todo depende das condições mais ou menos favoráveis que predominam durante o período de desenvolvimento. Condições desfavoráveis retardam o

1. Versão original: BOAS, Franz. Instability of Human Types. *Papers on interracial problems, communicated to the first Universal Races Congress, University of London, July 26-29, 1911*, p. 99-103. Disponível em: <https://archive.org/details/papersoninterrac00univiala/page/102/mode/2up>. Tradução de Fernanda Müller e revisão de Luiz Eduardo Abreu.

crescimento; condições excepcionalmente favoráveis o aceleram. Um estudo mais detalhado dos fenômenos de crescimento revelou que o desenvolvimento das diferentes partes do corpo não ocorre na mesma taxa em um determinado período. Assim, no momento do nascimento, o volume e a estatura do corpo são muito pequenos e aumentam rapidamente até aproximadamente o décimo quarto ano nas meninas e o décimo sexto ano nos meninos. Por outro lado, o tamanho da cabeça aumenta rapidamente apenas durante um ou dois anos; e a partir desse momento, o incremento é, comparativamente, modesto. Condições similares predominam no crescimento do rosto, que cresce rapidamente apenas por alguns anos e, posteriormente, prossegue de forma mais lenta. A quantidade de água no cérebro também varia com certa rapidez nos primeiros anos de vida e permanece mais ou menos constante depois. Dessa observação, deduz-se que se um indivíduo sofrer atraso devido a condições desfavoráveis após um determinado órgão ter quase alcançado o seu desenvolvimento completo, enquanto outros órgãos ainda estão no processo de evoluir rapidamente, o primeiro não pode ser muito influenciado, enquanto os últimos podem corroborar evidências das condições desfavoráveis que foram predominantes durante um certo período de vida. O resultado necessário disso é que as proporções do corpo do adulto dependem das condições gerais de vida predominantes durante a juventude, e os efeitos dessas condições serão mais evidentes naqueles órgãos que têm o período mais longo de desenvolvimento.

É amplamente reconhecido que o sistema nervoso central continua a desenvolver sua estrutura mais longamente do que, possivelmente, qualquer outra parte do corpo, e, portanto, pode-se inferir que ele será o

mais suscetível a mostrar as influências de longo alcance do ambiente.

Da consideração precedente segue-se que o ambiente social e geográfico deve influenciar a forma do corpo do adulto e o desenvolvimento do seu sistema nervoso central.

Esta consideração teórica é corroborada pela observação. As pesquisas de Bolk demonstraram claramente que houve um aumento na estatura na Europa durante as últimas décadas, evidentemente resultado de uma mudança no ambiente. Além disso, inúmeras investigações sobre as proporções corporais de indivíduos ricos e pobres, de estudantes capazes e estudantes ineptos, todas elas revelam diferenças características, as quais podem ser amplamente explicadas pelos efeitos do retardo e da aceleração do crescimento a que nos referimos anteriormente.

No entanto, parece que, além das influências de um ambiente mais ou menos favorável que afetam a forma do corpo durante o período de crescimento, uma variedade de outras causas pode alterar a forma corporal. O Professor Ridgeway chega a defender que a estabilidade dos tipos humanos em áreas definidas e por longos períodos não é uma expressão da hereditariedade, mas da influência do ambiente. Ele sugere ainda que as modificações na forma humana observadas na região do Mediterrâneo, na Europa Central e no Noroeste da Europa, devem-se às diferenças de clima, solo e produtos naturais. Não me parece que haja provas suficientes para afirmar alterações tão extensas na forma humana como as propostas por Ridgeway, embora devamos reconhecer a sua possibilidade. Contudo, existem evidências robustas que indicam que diversos tipos europeus sofrem certas mudanças em um novo ambiente. As observações que fundamentam esta conclusão foram realizadas por mim em imigrantes de

diferentes países europeus e seus descendentes residentes na cidade de Nova York.

A investigação de um grande número de famílias revelou que cada medida estudada apresenta um valor para indivíduos nascidos na Europa e outro para os indivíduos da mesma família nascidos na América. Por exemplo, entre os judeus do leste europeu, a cabeça dos nascidos na Europa é mais curta do que a dos nascidos na América. É também mais larga entre os europeus do que entre os americanos. Simultaneamente, os nascidos na América são mais altos. Como resultado do aumento do crescimento e da diminuição da largura da cabeça, o índice cefálico<sup>2</sup> é consideravelmente menor nos nascidos na Europa em comparação com os nascidos na América. Todas essas diferenças parecem intensificar-se quanto maior for a distância no tempo entre a emigração dos pais e o nascimento da criança, sendo muito mais acentuadas na segunda geração de indivíduos nascidos na América.

Entre os sicilianos de cabeça alongada foram feitas observações similares, mas as mudanças ocorrem em uma direção diferente. A estatura não varia significativamente; na verdade, quando há diferenças, a estatura tende a ser menor entre os nascidos na América em comparação com os nascidos na Europa. A cabeça dos nascidos na América é mais curta e, ao mesmo tempo, mais larga do que a dos nascidos na Europa. Assim, observa-se uma certa aproximação entre estes dois tipos distintos.

Obviamente, seria um exagero defender que essa aproximação expressa a tendência dos diversos tipos europeus a assumirem a mesma forma na América. Nossos estudos indicam apenas uma modificação do

tipo; todavia, não conseguimos determinar qual seria a extensão final dessas modificações; tampouco, se existe qualquer tendência real de transformação dos diversos tipos. Não sabemos se um tipo americano específico irá se desenvolver, ou se se trata de uma modificação limitada, particular a cada tipo europeu.

Os indivíduos da Boêmia e da Hungria também demonstram os efeitos da mudança de ambiente. Nestes grupos, tanto a largura quanto o comprimento da cabeça diminuem. O rosto torna-se muito mais estreito e a estatura aumenta.

O mais notável é que a mudança na forma da cabeça de indivíduos nascidos na América ocorre quase imediatamente após a chegada de seus pais à América. A comparação entre indivíduos nascidos na Europa com aqueles nascidos na América revela que a mudança na forma da cabeça é praticamente abrupta tomando como referência o momento da imigração. A criança nascida no exterior, mesmo que ela tenha menos de um ano à época da chegada, tem a forma da cabeça típica dos nascidos na Europa. A criança nascida na América, mesmo se o nascimento acontecer apenas alguns meses após a chegada dos pais, apresenta a forma da cabeça típica dos nascidos na América. A incapacidade do ambiente americano de influenciar os nascidos no exterior não causa surpresa, pois a mudança no índice cefálico da primeira infância para a vida adulta é muito pequena. Por outro lado, aquelas medidas corporais que continuam a mudar durante o período de crescimento mostram uma influência notável do ambiente americano nos indivíduos nascidos na Europa que chegam à América ainda crianças. Assim, a

2. Nota do revisor de tradução: o original é “length-breadth index” que hoje chama-se simplesmente de “cephalic index” ou “cranial index”.

estatura dos indivíduos nascidos na Europa tende a aumentar quanto mais jovens forem no momento de sua chegada à América. A largura dos rostos diminui quanto mais jovem for a criança que chegou à América.

Estas observações são importantes, porque se poderia argumentar que as mudanças na forma da cabeça decorrem das diferenças no tratamento mecânico das crianças na América e na Europa. Na Europa, as crianças são frequentemente envolvidas em faixas, enquanto na América são deixadas mais livres no berço. No entanto, as alterações nos diâmetros faciais e na estatura indicam que essas considerações mecânicas isoladamente não são capazes de explicar as mudanças que acontecem de fato.

Os resultados obtidos na comparação entre indivíduos nascidos na Europa e na América foram corroborados pela comparação direta entre pais europeus e seus filhos nascidos na América, bem como pela comparação entre imigrantes europeus que chegaram à América em um determinado ano e seus descendentes nascidos lá. Em todos esses casos, foram encontrados os mesmos tipos de diferenças.

Essas observações sugerem uma incontestável plasticidade dos tipos humanos; contudo, quero reiterar que os limites desta plasticidade nos são desconhecidos. No entanto, daí se segue que, se a forma corporal sofre mudanças significativas em um novo ambiente, podem-se prever alterações concomitantes na mente. As mesmas razões que nos levaram a concluir que condições mais ou menos favoráveis durante o período de crescimento têm maior influência quanto mais longo for o período de desenvolvimento de uma parte específica do corpo se aplicam à mente. É razoável supor que uma mudança de ambiente afetará mais profundamente aquelas partes do corpo que

têm o período de crescimento e desenvolvimento mais longo. Portanto, acredito que as observações americanas nos obrigam a supor que a estrutura mental de um determinado tipo humano pode ser significativamente influenciada pelo seu ambiente social e geográfico. É extremamente difícil fornecer uma prova concreta desta conclusão por meio da observação, já que sabemos que as manifestações mentais dependem em grande parte do grupo social em que cada indivíduo cresce; mas é evidente que a o ônus da prova recai sobre aqueles que afirmam a estabilidade absoluta das características mentais de um mesmo tipo sob todas as condições possíveis nas quais ele possa ser encontrado.

Vale ressaltar que a mudança de tipo observada na América é, de certa forma, análoga à diferença de tipo observada na Europa na comparação entre as populações urbanas e a rurais. Em todos os casos nos quais investigações minuciosas foram realizadas sobre este assunto, foi encontrada uma diferença no tipo. No entanto, a interpretação dada ao fenômeno é completamente diferente daquela abordagem aqui utilizada. Um grupo de observadores, especialmente Ridolfo Livi, acredita que o tipo encontrado em comunidades urbanas é o resultado em grande parte da maior mistura de tipos locais nas cidades em comparação com o campo. Outros, notavelmente Otto Ammon e Röse, acreditam que teríamos aqui a evidência da seleção natural, segundo a qual o tipo mais adaptado sobrevive. A meu ver, a teoria da seleção natural não pode ser totalmente comprovada, mas a combinação da mistura e da mudança de tipo são suficientes para explicar o que acontece na transição da vida rural para a urbana.

Naturalmente, surge a questão: o que provoca mudanças nos tipos humanos? Es-

As mudanças podem ser direcionadas para provocar a melhoria da raça? Eu não acredito que nenhuma dessas perguntas possa ser respondida no estado atual dos nossos conhecimentos. As mudanças estruturais que necessariamente acompanham as modificações na forma bruta são completamente desconhecidas, e as funções fisiológicas afetadas pelo novo ambiente sequer podem ser deduzidas. Portanto, parece um esforço inútil tentar fornecer uma explicação satisfatória do fenômeno neste momento. As investigações deveriam ser ampliadas para incluir numerosos tipos, realizadas em diferentes climas e ambientes sociais, antes que possamos esperar compreender a correlação entre a forma corporal, a função e as influências externas. Contudo, a antiga ideia de estabilidade absoluta dos tipos humanos deve evidentemente ser abandonada, assim como a crença na superioridade hereditária de certos tipos sobre outros.

**Recebido em: 18/03/2024**

**Aprovado em: 18/03/2024**